



# Artes

Cidade do Rio de Janeiro 2002

Ano 11 nº30

Rio Artes é uma publicação do Instituto Municipal de Arte e Cultura - RioArte,  
da Secretaria das Culturas

# Rio

## O Brasil na era da forma

**Inédito** - um poema  
escrito em inglês por  
**João Ubaldo Ribeiro**

**Carlos Heitor Cony**  
Lembranças de JK

**Lygia Pape**, a dama  
da experimentação

O cineasta Peter Greenaway  
entrevistado por  
**Carlos Helí de Almeida**

José Castello  
Lilian Fontes  
Luis Camillo Osório  
Paulo Reis  
Rubem Grilo  
Nayse Lopes  
Maurício Rocha  
Macksen Luís

Ipanema  
22410-003  
Rio de Janeiro RJ

# 100 ANOS DE JK



# RioArtes

Uma publicação do Instituto Municipal de Arte e Cultura - RioArte  
da Secretaria das Culturas  
Cidade do Rio de Janeiro 2002 Ano 11 nº30

## EDITORIAL Cultura e História

O jornal "RioArtes" participa, neste número, do centenário de nascimento do presidente Juscelino Kubitschek, enfocando, em especial, o papel que ele exerceu na cultura desde a época em que foi prefeito de Belo Horizonte.

Na Prefeitura da capital mineira, criou a Pampulha, tornando manifesto o gênio de Oscar Niemeyer, já esboçado quando este trabalhou na equipe que construiu o Ministério de Educação e Saúde, depois MEC e, hoje, Palácio Gustavo Capanema - um prédio histórico no Centro do Rio, e não só do modernismo brasileiro.

O traçado do Palácio foi do mestre Le Corbusier. Sabe-se que o desenho audacioso de Oscar logo chamou a atenção de toda a equipe que trabalhou no projeto. Mais tarde, chamaria também a do prefeito JK. Oscar foi o seu arquiteto para a Pampulha e chamado para a maior obra de arquitetura do Brasil em todos os tempos, Brasília.

Na Prefeitura, já tinha vistas claras para a cultura. Criou, na década de 40, uma espécie de Semana de Arte Moderna em Belo Horizonte para tirar - como se disse na época - "Minas da pasmação". Chamou, por exemplo, o pintor Guignard para dar aulas. Com ele, estudou, por exemplo, o escultor Amílcar de Castro. Prefeito e, depois, presidente, tanto podia ser visto num canteiro de obras quanto numa rodinha boêmia de poetas. Seu destino foi, no entanto, o de construir.

Presidente, empolgou o Brasil com Brasília. O Palácio do Alvorada, com sua forma inesperada, penetrou no imaginário popular. É verdade que, em música, gostava muito mais do violão de Dilermando Reis, sempre chamado para as tertúlias palacianas, mas sua época viu nascer os talentos magistrais de Tom Jobim e João Gilberto. No seu governo eclodiu a bossa nova. Foi, então, chamado pelos humoristas de "Presidente Bossa Nova", talvez porque

tivesse uma batida de trabalho tão nova quanto a do ritmo musical nascente. Pouco típico para a época, viajava muito, mantendo um inabalável sorriso, sua marca registrada. Sempre sorrisos, mas não porque foi fácil o seu governo. Passou por um golpe, tentativa de evitar que tomasse posse, e por dois levantes militares. Mas JK tinha o prazer de conceder anistias. Além disso, o seu sorriso abafava as crises políticas. Na sua presidência, surgiu o embrião do Cinema Novo, sem falar no impacto que foi para toda uma geração a moderna arquitetura brasileira e, na poesia, o concretismo. Também teve sorte: em 1958, ganhamos a nossa primeira Copa do Mundo. É claro que nos gramados brilhava Pelé, o Rei. Por coincidência, seu reinado iniciou-se em sua presidência.

Presidente, governou cinco anos. Como Getúlio Vargas, que ficou muito tempo no poder, deixou uma era. Para muitos, os "anos dourados". Com Brasília, cumpriu o que estava escrito na Constituição desde 1821, um sonho que acabou sendo realizado. Sem ser um intelectual, mas sempre cercado deles, JK nos legou uma era na área da cultura - uma era na qual o Brasil descobriu a prazer da Forma e da Invenção.

Neste número, o "RioArtes" pretende oferecer aos leitores um pouco do que foi uma das grandes épocas da cultura brasileira. E, falando em leitores, lembramos que resolvemos, numa homenagem simples, batizar a mais recente biblioteca do município, em Moneró, uma zona carente da Ilha do Governador, com seu nome. Sabe-se que não se pode criar uma cultura em laboratório. Nem JK poderia. Deixou, porém, uma lição: ser otimista no presente e ter esperança no futuro. E é exatamente no que acreditamos.

Ricardo Macieira  
Secretário das Culturas

Prefeito do Rio de Janeiro **Cesar Maia**  
Secretário das Culturas **Ricardo Macieira**  
Presidente da RIOARTE **Fábio Ferreira**  
Diretor de Projetos **Alberto Benzecry**  
Coordenadora da Divisão de Editoração **Glória Estellita**  
Editor **Wilson Coutinho**  
Sub-editor **Paulo Reis**  
Revisor **Manoel Artur Silva**  
Programação Visual **Carla Marins**  
Fotolito/Impressão **Imprinta Express**

Instituto Municipal de Arte e Cultura RIOARTE  
Rua Rumânia 20 tel 2285 5889  
tel / fax 2265 9960 ramal 237  
editoracao@pcrj.rj.gov.br  
CEP 22240-140 Laranjeiras RJ Brasil



Em foto oficial



Com Lúcio Costa



Inauguração de Brasília

### RioArtes errou:

No texto "João Ubaldo lembra Amado", publicado no número 29, escrito pela romancista Lilian Fontes não foi Jorge Amado que escreveu "Quincas Borba". Este romance é de Machado de Assis. Jorge Amado é autor da novela "Quincas Berro d'Água."

No mesmo número do jornal na seção ESTRÉIA, que lança jovens poetas, houve os seguintes erros: o nome do poeta é só Ricardo Miranda, dispensando o Nascimento como foi publicado. Ao citar Haroldo de Campos e Humberto de Campos, o autor não quis fazer ironia com seus poetas preferidos. Ele gosta mesmo é de Augusto de Campos. Finalmente, por erro de digitação saiu Hohn Cage e não John Cage, como deveria.

Nossa capa: Carla Marins

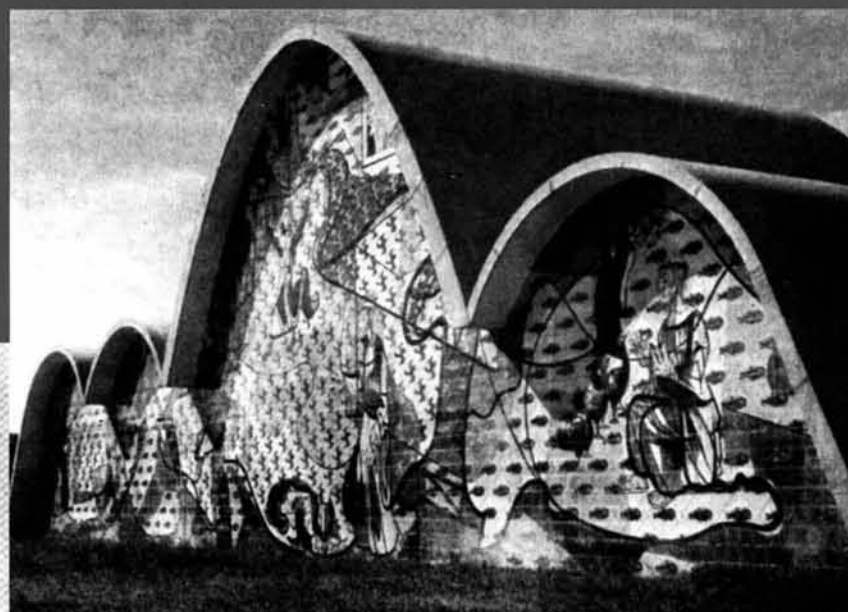


"Brasil é um só."



"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta Alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu destino."

Brasília, 2 de outubro de 1956



Como pode o peixe vivo viver fora da água fria?  
Como poderei viver, como poderei viver, sem a sua, sem a sua, sem a sua companhia.

# A era da forma



"Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição, e não vejo razão para ignorar esse dispositivo. Durante o meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova capital."

Jatá (Goiás), 4 de abril de 1955





# Príncipe dos mil sorrisos

Claudio Bojunga escreve magnífica biografia sobre o presidente JK e ganha o Prêmio Jabuti  
Wilson Coutinho

O monumental “JK, o artista do impossível”, do jornalista Cláudio Bojunga, (Ed. Objetiva; 798 págs.) é o mais importante livro sobre o presidente até hoje escrito. É possível que uma característica da biografia não tenha sido reparada pelos seus resenhistas. Bojunga é jornalista, mas também esteta de qualidade. Seu livro pode ter sido, por exemplo, influenciado pelo historiador do Renascimento, o suíço Jacob Burkhardt, um inventivo criador de idéias, entre elas a da política como obra de arte. O próprio título “JK, o artista do impossível” é uma boa indicação de que o presidente foi tratado como um construtor de formas e de que seu governo, desde quando prefeito da cidade de Belo Horizonte, foi uma formação estética. A palavra artista não está no título à toa.

Uma das críticas ao livro é que Bojunga esqueceu, embora o seu excelente texto mantenha a apologia do Príncipe, as mazelas: a mudança da capital a toque de caixa, a bagunça administrativa no funcionalismo público, dinheiro gasto a rodo e, ao fim do governo, instabilidade financeira, com desorganização no caixa e inflação alta.

JK como Príncipe, porém, para Bojunga, de um lado estetizou o Brasil, oferecendo as formas avançadas de Brasília e da Pampulha e, de outro, tornou possível a centralização política e geográfica do país, um sonho que nasceu na colônia e fez parte da primeira Constituição do país, a de D. Pedro I.

A coragem de JK é uma mistura de fato estético e vontade de potência. Em certo aspecto, ele é um bom personagem de Burkhardt, na ótica minuciosa da biografia do jornalista. Os capítulos são até divididos em metáforas da mineração, extraídas da antiga atividade de Diamantina, a Minas menos sorumbática,



Reprodução

Caíndo nas graças do povo

*Em cinco anos de presidência, teve o mais estimulante sorriso que a presidência já ostentou*

terra natal do presidente, tais como “Lavra”, “Extração”, “Polimento”, etc. Aí, a imaginação artística de Bojunga compõe a vida de JK até o seu ostracismo político pelos regimes militares, os abusos de CPIs para desmoralizá-lo, mentiras sobre a sua fortuna (“a sexta do mundo”), que alegavam, sem provar, os seus brutais adversários, até o final da vida num acidente automobilístico, na Via Dutra.

Bojunga fez ainda justiça política do governo JK. Para tomar posse, foi preciso um golpe do golpe, do general Lott – um personagem magnificamente cívico da época – os dois levantes militares, de direita, devidamente sem apoio popular. Presidente sem guardar mágoas, JK anistiou os rebeldes sem causa. Em cinco anos de presidência teve o mais estimulante sorriso que a presidência já ostentou. Gostava do poder, sem jactar-se de sua extrema autoridade. Ainda do ponto de vista estético, JK soube governar com um pé na boemia e outro no canteiro de obras. Gostava de bailar, era namorador (mas não tanto que o impedisse de trabalhar duro, amante de saraus litero-musicais), cativado por intelectuais como Augusto Frederico Schmidt, autor de suas mais belas frases e discursos, e criador de planos pouco sensatos, mas que parecem, em um deles, ter acabado por influenciar a política para a América Latina do presidente Kennedy.

Como um Príncipe construtor, ao ser prefeito de Belo Horizonte criou o magnífico complexo da Pampulha, considerada a mais bela obra de Niemeyer, que foi o seu Michelangelo em Brasília. E se Minas não teve mar, o cosmopolitismo de JK criou lagos – na Pampulha e em Brasília. “JK foi afinal o inventor de Lula”, diz Bojunga, sugerindo a criação do ABC paulista, obra



O presidente e a maquete de Brasília

Em companhia de Lúcio Costa



da indústria automobilística fomentada pelo presidente. “JK foi criador da São Paulo moderna”, afirmou o banqueiro e embaixador Walter Moreira Salles.

Bojunga não esquece de lembrar que o governo JK cumpriu todos os procedimentos democráticos, sem nunca lhe passar pela cabeça não entregar a faixa presidencial ao seu sucessor. Passou-a para o amalucado Jânio Quadros, que, na exata expressão de Afonso Arino, foi a “UDN de porre”. Porre que deixou o país embriagado até o final da ditadura militar.

Como todo grande político, JK era muito preocupado com “miuçalha partidária”. Subiu dentro dela, na organização quase tediosa de diretórios políticos, com gente aparentemente sem expressão política, mas que, na hora das convenções do partido e do voto, valia mais que figurões com repercussão na mídia. Ali, com gente miúda, fez sua carreira. Com gente grande, fez sua obra.

Bojunga, da família Roquette Pinto, viveu a juventude nos anos dourados do governo JK. Foi feliz. O entusiasmo que seu livro oferece, talvez não possa evitar o tempo da inocência do autor. A biografia, portanto, espalha entusiasmo, calor e tristeza com o final melancólico do presidente, perseguido e no ostracismo, chegando a perder, por um voto, o que não acontece com gente como ele, a eleição para a Academia Brasileira de Letras.

No passado, o presidente foi homem de alegria espontânea, tocador de obras, munido de extrema energia. Brasília é sua obra da vontade, fazendo do barro vermelho a terra onde pisariam brasileiros de todos os tipos e de todos os sotaques. E, apesar da mudança da capital, o presidente sempre amou o Rio. Seu apartamento, depois de cassado, foi em Copacabana, na Avenida Atlântica.

## Apesar da mudança da Capital, o presidente sempre amou o Rio. Morava em Copacabana

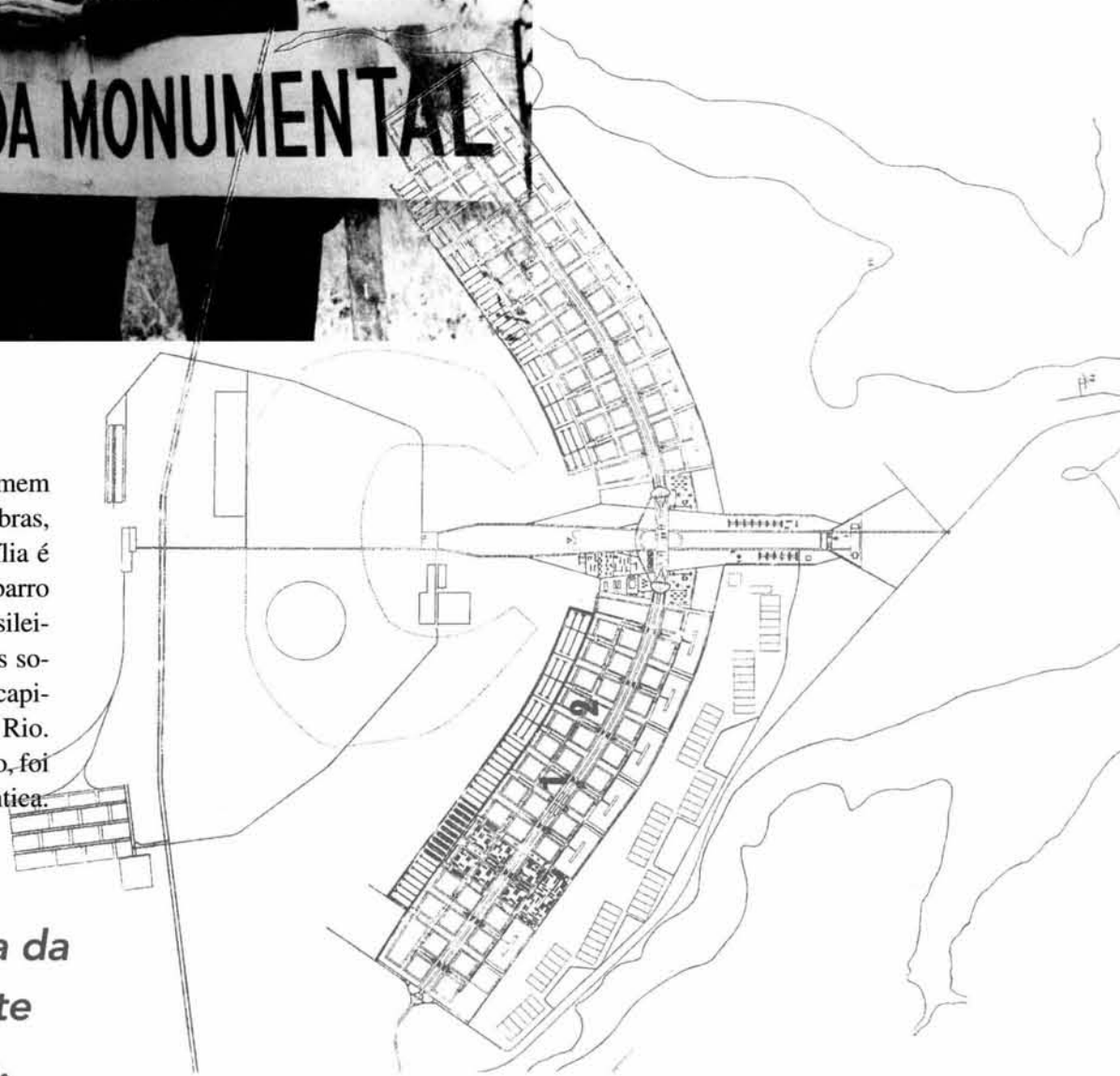
Nascido em Diamantina em 1902 e falecido em 1976, JK criou uma era. Sua primeira obra foi uma ponte necessária para Diamantina. Chefe do gabinete civil do governador Valadares, tratou da política partidária com desvelo e fazendo amigos. Nomeado prefeito, mudou a rotina do cargo, construindo obras ousadas. Presidente, conseguiu realizar seus planos de metas, criando comissões paralelas, que evitavam paralisias e entraves burocráticos. Em cinco anos, Brasília é um milagre da vontade. Sua forma e sua audácia, obra de

gênios como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Soube ajuntar-se com intelectuais e poetas. Gostava tanto de uma boa frase quanto do violão de Dilermando Reis. O peixe vivo vivia fora da água fria.

Cláudio Bojunga escreveu um belo livro sobre o presidente que foi chamado de “one billion dollar smile”. O final de sua vida pode ter sido melancólico para um homem que sabia sorrir. Uma operação na próstata o levou a impotência sexual, e, mesmo assim, manteve – sem sexo – o seu amor de toda a vida,

a bela Maria Lúcia Pedroso, apesar dos tremendos arrufos com Dona Sara.

É minucioso até demais no levantamento do desastre automobilístico que o matou. Não há suspense. Houve acidente mesmo. Ninguém o matou, a não ser o esforço para teorias conspiratórias. A biografia de Bojunga é perfeita, deve ser lida como um bom exemplo sobre um rico período da nossa história republicana. E, como brinde, o leitor tem de presente o esplêndido estilo do autor, um dos melhores do jornalismo brasileiro.





## ■ Entrevista

# "Não há modernização política sem formas modernas"

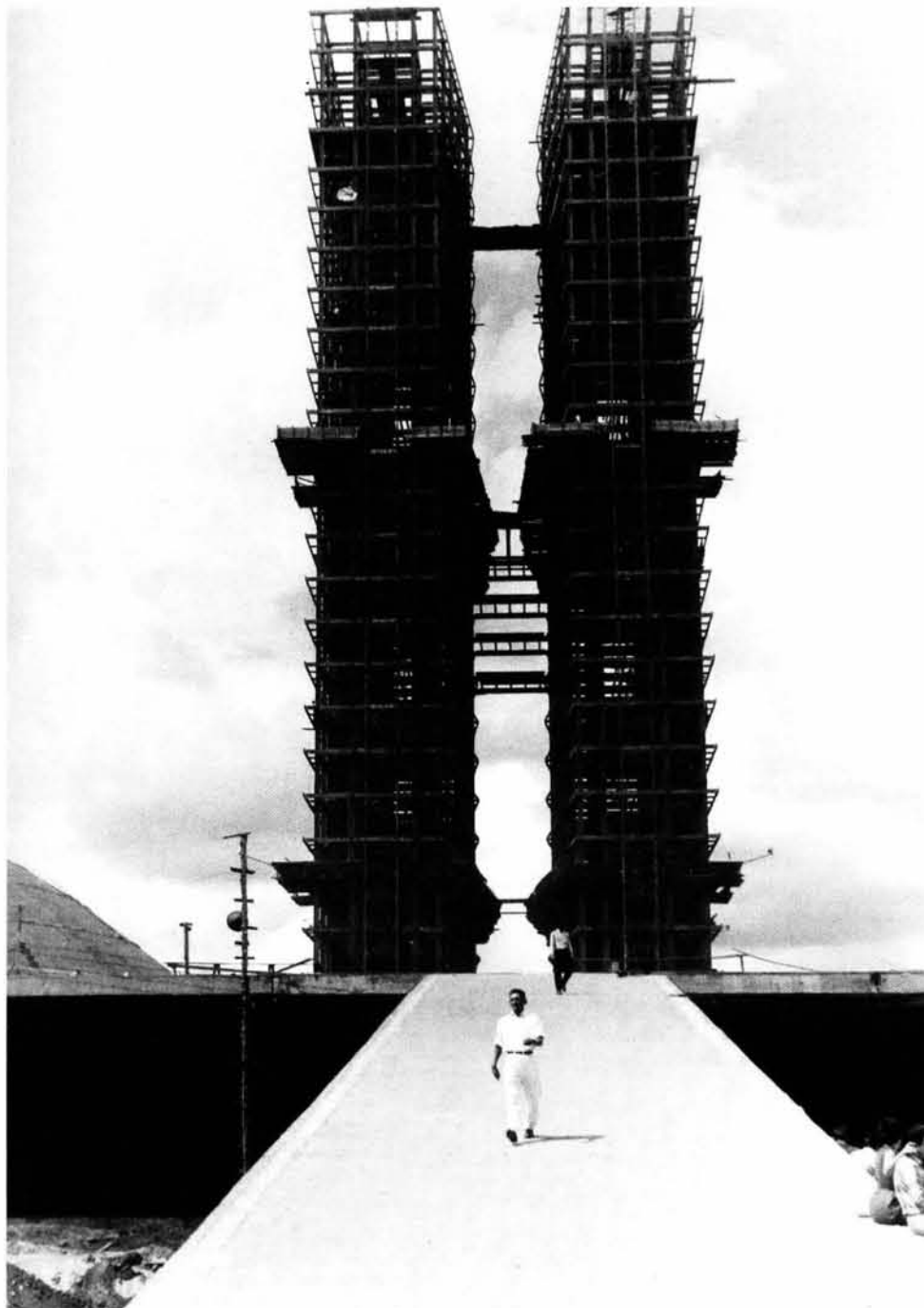
Bojunga diz que é difícil, mas não impossível o Brasil ter, de novo, um presidente do porte de JK

**RIOARTE** - Entendi seu livro na linha do historiador Jacob Burkhardt, a política como criação estética. É possível lê-lo desta forma? O título chama atenção por você chamar JK de artista e não político ou estadista, embora ele fosse as duas coisas.

- Acho interessante sua interpretação. Imaginei o título como paráfrase à célebre fórmula "a política é a arte do possível" - afirmando que JK a praticou como a "arte do impossível", sempre agindo no limite da impossibilidade e mostrando aos brasileiros que eles são capazes de realizar muito mais do que imaginavam. Mas também é correto encarar a política de JK como criação estética, levando em conta o lado lúdico e a dimensão do sonho em JK. Lembre-se da frase de Darcy Ribeiro: "Imaginem uma Brasília criada pelo Marechal Dutra!"

**RIOARTE** - Outra coisa que você dá muito valor é o relacionamento de JK com a boemia e com escritores e poetas. Parece que nunca mais houve um presidente com essas características. FHC é um intelectual, mas parece ter muito pouco interesse por artistas e poetas. Os marqueteiros de campanha acabaram com os mestres da frase e de projetos pouco convencionais?

- Considero fundamental essa dimensão. É a preponderância da imaginação sobre a inteligência. É a compreensão de que não há modernização política e econômica sem formas modernas. Lá no final do livro, ele diz: "os economistas não estavam à altura do meu sonho". Que político diria isso hoje? Acho que FHC realizou coisas importantes, embora tenham lhe faltado ousadia, imaginação, sonho. Muito us-pianos para poucos escritores. O con-



Primeiros passos: o Congresso em andaimes

selheiro de JK não foi o Lavareda ou o Luciano Martins, foi o poeta Augusto Frederico Schmidt. Daí a brincadeira do Luís Carlos Barreto: FHC é mais brasilianista do que brasileiro...

**RIOARTE** - O tempo de JK é o tempo

da Pampulha à Brasília, fora a bossa nova, a poesia concreta e o neoconcretismo. Foi uma época que a forma dominou sobre o "conteúdo" dos anos 40, os anos Vargas?

- Não existe essa oposição: Vargas foi a modernização institucional (Códigos),

Arquivo Público do Distrito Federal

a infra-estrutura (Volta Redonda), o planejamento. Mas não teve dimensão democrática na política, nem apreço pela cidadania. JK herdou o que havia de melhor em seu antecessor (planificação, industrialização), mas na vertente democrática. Sabia que a democracia política produz resultados duradouros sobre a sociedade civil. E que as formas modernas só são possíveis quando o pensamento é livre como a respiração (Fritz Müller). Olha a URSS, que só foi criativa até o suicídio de Maiakovski.

**RIOARTE** - Como jornalista e um grande conhecedor da cena política internacional, o que é para você escrever biografia e História?

- Ter o apreço de Tucídides pela contemporaneidade, a imaginação de um Gibbon (expulso de Oxford), o critério e o estilo de C. Boxer ou de Ewaldo Cabral. Atenção: os citados são mestres da arte narrativa. Nenhum deles considerava a história como ciência. Nenhum deles foi acadêmico.

**RIOARTE** - É possível, o Brasil ter outro JK ou alguma personalidade política do mesmo calibre?

- Difícil. Mas não impossível



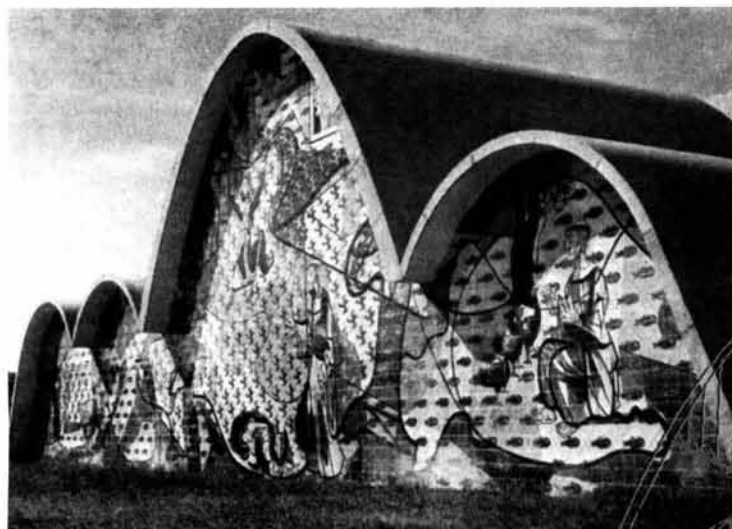
Bojunga: apreço por Tucídides

Walter Firmo

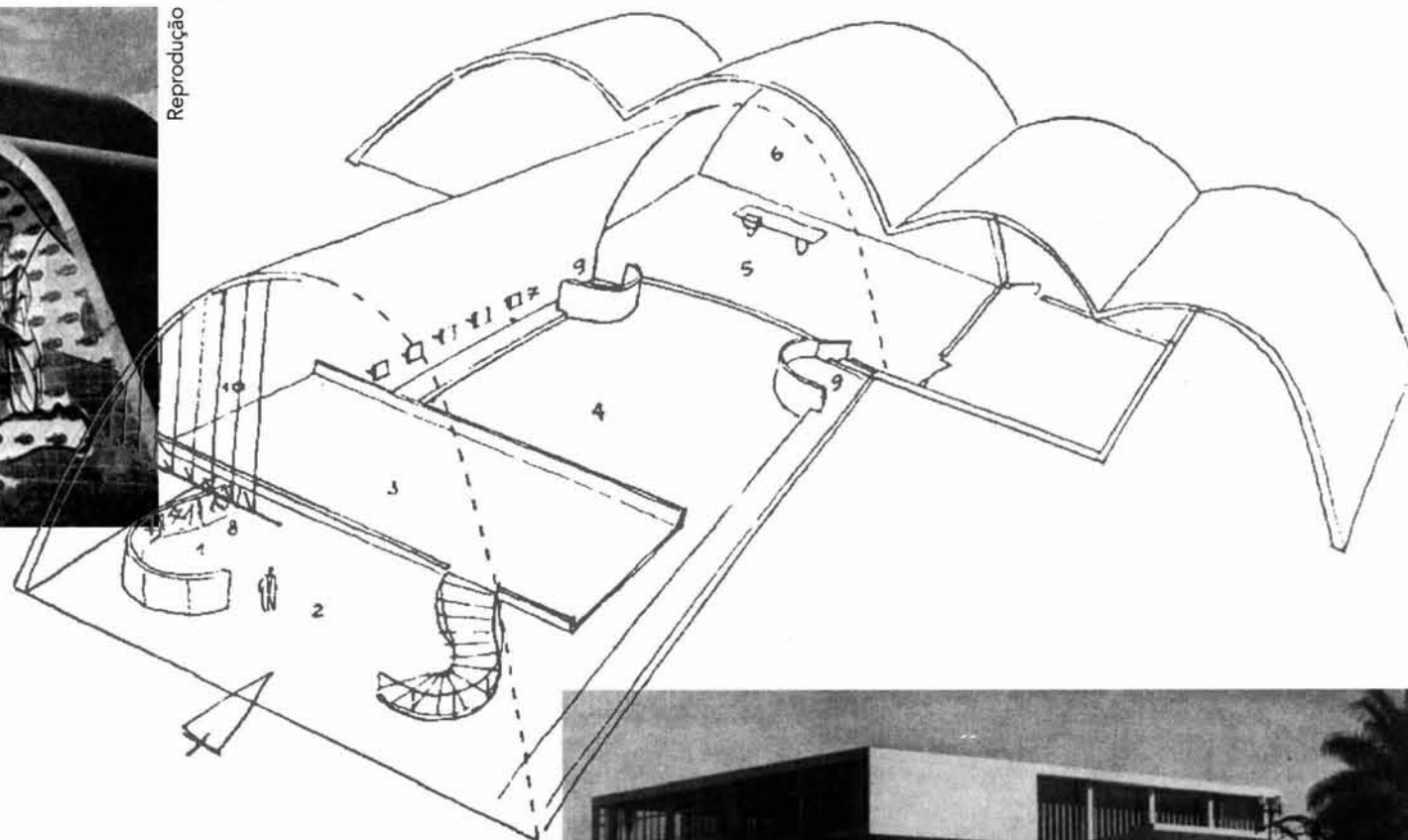


# O construtor e os boêmios

Prefeito de Belo Horizonte e presidente da República,  
gostava de poetas e artistas



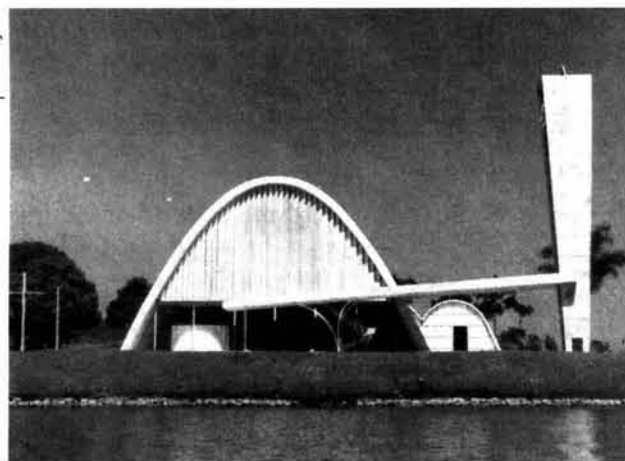
Reprodução



Como prefeito de Belo Horizonte, JK introduziu o primeiro trator em Minas. Autor de inúmeras obras públicas, que deixaram a cidade de cabeça para baixo, foi chamado de “prefeito furacão”. A barragem da Pampulha necessitava, então, de uma grande obra, um cassino, como era chique na época, que serviria para urbanizar o local, além de um iate clube.

Oscar Niemeyer, amigo dos mineiros Gustavo Capanema e Rodrigo Melo e Franco, fez uns croquis que o prefeito, de início, não compreendeu. Súbito, entendeu os traços do mestre. “A luminosidade latina e barroca de Oscar diferia da sisudez funcional germânica e nórdica”, escreveu Bojunga. Uma associação que duraria muito tempo e culminaria com a construção de Brasília.

“Era a época do funcionalismo ortodoxo – lembra Niemeyer – que não permitia qualquer fantasia. A época da máquina de habitar de Le Corbusier; na Escola de Arquitetura aprendíamos que as fachadas eram determinadas pelo agenciamento, que condicionava todos os outros elementos. A essa época, a fantasia do arquiteto não devia sair do quadro dos conceitos e dos princípios da técnica de construção. Mas o ângulo reto e as formas frias e técnicas não me entusiasmavam. Era apaixonado pelas formas novas, superfícies curvas, belas e sensuais, capazes de suscitar emoções diversas. Sentia que o concreto



Reprodução



Reprodução

O Cassino, 1942, atual Museu de Arte Moderna

Igreja de São Francisco, 1943

armado podia nos oferecer tudo isto e que o período de combate que acompanhara o funcionalismo havia passado. Indiferente à crítica e às insinuações veladas (“barroco”, “gratuito”, etc), penetrei confiante neste mundo de formas novas, de lirismo e liberdade criativa que Pampulha abriu à arquitetura moderna”.

Ela é hoje considerada um monumento de elegância e poesia, destacando-se a beleza original e singela da igreja de São Francisco. Até o poeta Oswald de Andrade, dado a mordazes

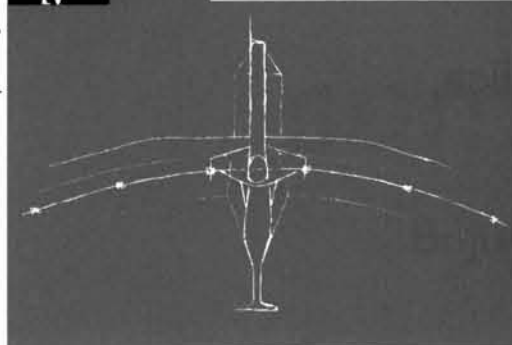
críticas, achou que, com a Pampulha, Belo Horizonte, em 1944, na gestão de seu animado prefeito, havia se transformado “na Bayreuth brasileira, no refúgio da poesia e da arte”.

O jornalista Humberto Werneck contabiliza em “O desatino da rapaziada” o prazer de JK em rodear-se de escritores e intelectuais. Enumera Cyro dos Anjos, Murilo Rubião, Cristiano Martins – um dos melhores tradutores brasileiros da “Divina Comédia”, de Dante –, Alphonsus Guimarães Filho, Autran Dourado, Fábio Lucas, Rui

Mourão, Affonso Ávila, Josué Montello, Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss. E o seu maior cunhador de belas frases: o poeta carioca Augusto Frederico Schmidt.

JK criou uma espécie de Semana de Arte Moderna em Belo Horizonte, além de chamar o pintor Alberto da Veiga Guignard para dar aulas de arte na cidade: formou uma geração. O romancista José Lins do Rego escrevendo, em 1944, não deixou de encantar-se com aquele “diamantinense anticonvencional e boêmio”.





A idéia de interiorizar a capital do Brasil era antiga e estava escrita na primeira Constituição brasileira, idéia, aliás, nunca revogada. JK pôs na prática, no Planalto Central, em pouco mais de três anos, algo constitucionalmente difícil de ser realizado. Manobrou nos bastidores políticos para a aprovação da mudança no Congresso, conseguiu verba e administração separadas e encheu o Brasil de simbolismos.

No Cruzeiro, o ponto mais alto da região, havia uma cruz de madeira que para Ernesto Silva, médico e um dos diretores da Novacap, foi a verdadeira pedra fundamental da nova cidade.

Toda aquela região era um descampado. Conta Bojunga que uma jornalista francesa ao vê-lo não pode conter sua estupefação. Perguntou ao presidente:

- Mas o senhor vai construir a capital num deserto...isto é absurdo!

O presidente respondeu:

- Minha filha, absurdo é o deserto.

Entre os projetos para a nova capital constavam, entre outros, os de Lúcio Costa, Nei da Rocha e Silva, Henrique Mindlin, M.M.M. Roberto e o da empresa Construtec. A comissão julgadora os dividiu em dois grupos: os que pensassem a ideologia da concepção e os que ofereciam detalhes da organização da nova capital. Na reta final, estavam o de Lúcio Costa e o M.M.M.



Palácio do Itamaraty, Esplanada dos Ministérios. Projeto de Oscar Niemeyer

## A estrutura da cidade teria a forma de cruz, com duas asas. Manuel Bandeira achou que lembrava "um avião em reta para a impossível utopia"

Roberto. Um membro do júri, o inglês William Halford decidiu por Lúcio Costa, confiando no lirismo da concepção. Era simples, fascinante, bonito e engenhoso. Com poucas palavras, quase um só um desenho, sua vitória entrou na galhofa da imprensa. Parte da imprensa criticava o arquiteto, achando que Lúcio Costa gastara "tostões" para rabiscar uma cidade e ganhara milhões.

Tornou-se lendário, o fato de que o plano piloto de Lúcio pousou na mesa

de Carlos Drummond de Andrade, que trabalhava, mesa ao lado, da de Lúcio, no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Drummond corrigiu a ortografia. Depois, o poeta escreveu:

- O plano piloto dizia bem pouco para o leigo habituado a ver cidades em funcionamento e não no papel, um papel nada luxuoso como o dos grandes escritórios de arquitetura. Falei em rabisco. Era um rabisco e pulsava. Sem entender, eu sentia a vibração das

formas implícitas naquela folha de papel que mudava a história do Governo do Brasil e, em certa escala, a vida dos brasileiros.

A estrutura da cidade teria a forma de cruz, com duas asas, que o poeta Manuel Bandeira achou que lembrava "um avião em reta para a impossível utopia". Os monumentos ficaram a cargo dos inventivos desenhos de Oscar Niemeyer, que se transformaram em prédios. Inovadores, não importunaram

## A história de 1902 a 1976

**1902** Nasce Juscelino Kubitschek de Oliveira, em Diamantina, Minas Gerais. Euclides da Cunha publica "Os Sertões". Gravado o primeiro disco brasileiro, pelo cantor Manuel Pedro dos Santos.

**1903** Pereira Passos empreende ampla reforma no Rio de Janeiro, a capital federal

**1910** Marechal Cândido Rondon cria o Serviço de Proteção ao Índio, hoje FUNAI



**1914** Primeira Guerra Mundial

**1917** Manuel Bandeira publica "A cinza das horas". Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga, lança "Pelo telefone", primeira gravação de samba no Brasil

**1918** Monteiro Lobato publica "Urupês", lançando o personagem Jeca Tatu

**1919** Início das transmissões radiofônicas no Brasil, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco. Cecília Meireles publica "Expectros"

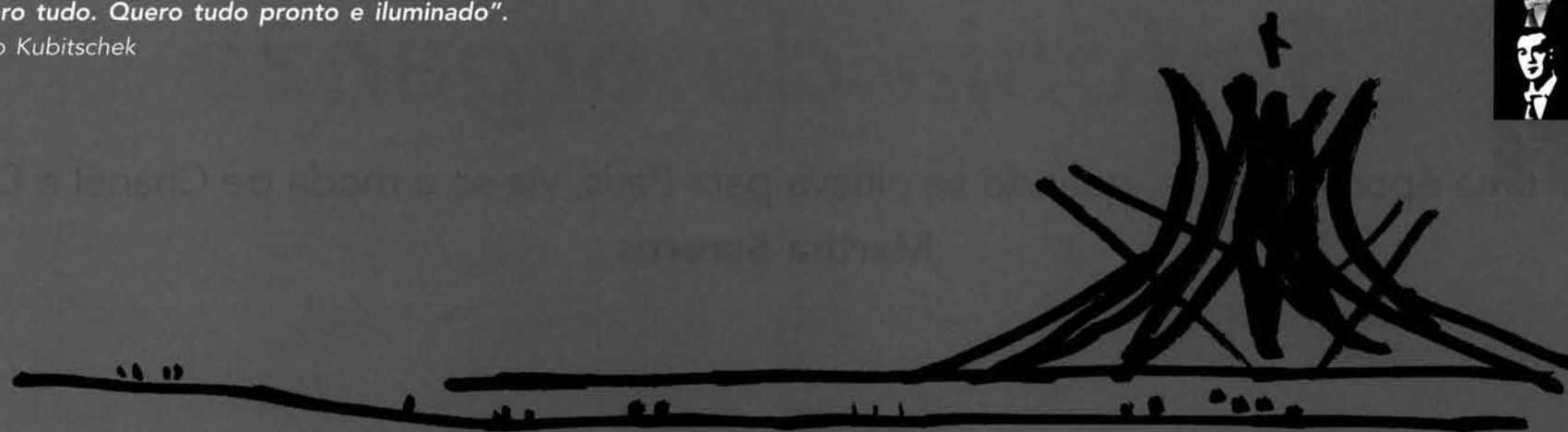
**1920** Villa-Lobos compõe "Choro nº 1" para violão, orquestra e piano. Criação da Universidade do Rio de Janeiro, a primeira universidade brasileira

**1922** Semana de Arte Moderna. Fundação do Partido Comunista do Brasil, Centenário da Independência do Brasil



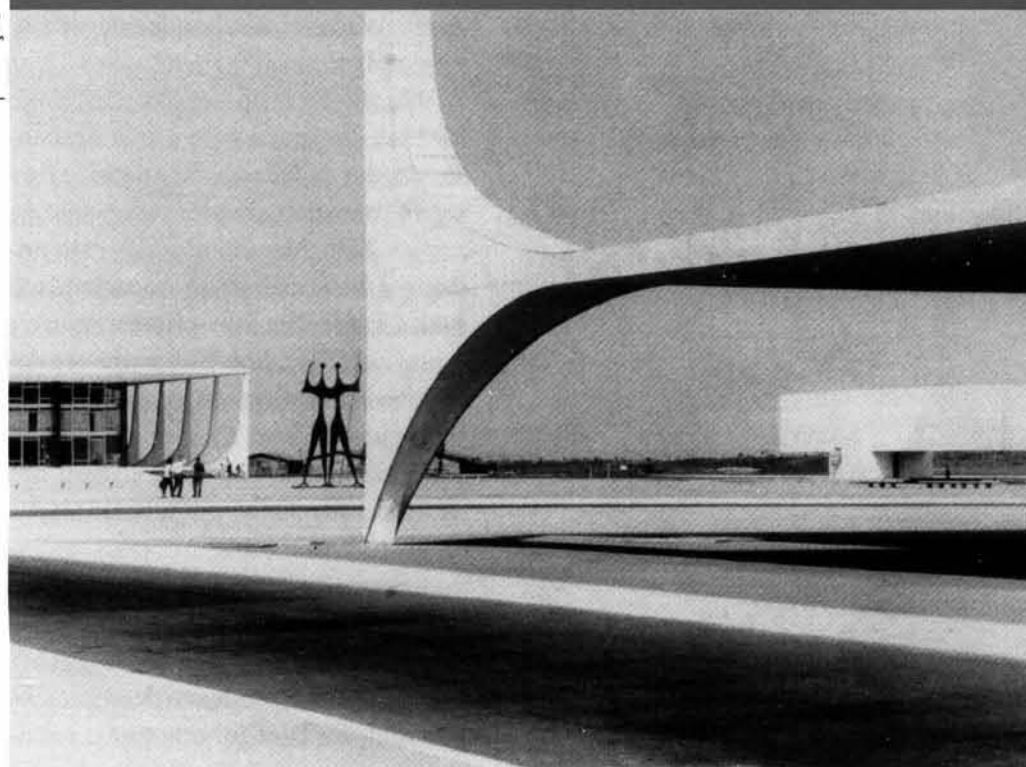
Reprodução

"Eu quero tudo. Quero tudo pronto e iluminado".  
Juscelino Kubitschek



Esboço da Catedral localizada na Esplanada dos Ministérios.  
Projeto de Oscar Niemeyer

Reprodução



Praça dos Três Poderes, extremo leste do eixo monumental

o presidente: "Você é comunista porque é poeta. Você é meu Michelangelo". A equipe do "Michelangelo" era tipicamente brasileira. Além de vinte arquitetos, havia um tipo, mestre em contar piadas e um goleiro do Flamengo, que estava machucado.

"A idéia de Oscar era criar uma atmosfera mais carioca no cerrado", diz Bojunga. Assim nasceram o Alvorada, o Itamaraty, as inesperadas cúpulas do

Congresso e a Catedral. O Brasil ganhava símbolos, arquitetura e fantasia. Aquele mundo tinha o pulso enérgico do presidente. Lúcio Costa ponderou para ele, que, devido aos altos custos do projeto, talvez fosse melhor só erguer uma ala.

- Não - respondeu JK - Eu quero tudo. Quero tudo pronto e iluminado.

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.



Área residencial das asas sul e norte

Depois de conhecê-la, o escritor francês Jean-Paul Sartre, disse, em Recife, para Jorge Amado:

- Depois da Renascença, nada se

fez de mais belo.

Podia ser exagero. Mas Brasília foi mágica para a História da arquitetura brasileira.

Reprodução

1924 Coluna Prestes. Oswald de Andrade publica o "Manifesto Pau-Brasil"

1928 Mário de Andrade publica "Macunaíma". Lançamento da revista "O Cruzeiro"

1930 Revolução de 1930. Grande leva de imigrantes no país. Carlos Drummond de Andrade publica "Alguma poesia"

1931 Lançamento do filme "Limite", de Mário Peixoto

1932 Estréia a peça "Deus lhe pague", de Juracy Camargo, estrelada por Procópio Ferreira

1933 Publicação de "Casa-grande e senzala", de Gilberto Freyre, e "Evolução política do Brasil", de Caio Prado Junior

1934 Constituição de 1934. Eleição indireta de Getúlio Vargas para Presidência da República

1935 Intentona Comunista



Reprodução



Reprodução



# Sinfonia de organza

Foi uma época em que, quando se olhava para Paris, via-se a moda de Chanel e Dior

Martha Surerus

Uma sinfonia de organza e zibeline enfeitava as damas nos bailes da época do governo Juscelino.

Mais do que os melhores anos, a moda teve os anos de ouro em 1958, junto aos louros dos esportes, com a vitória do Brasil na Copa da Suécia e o salto campeão de Ademar Ferreira no atletismo.

A moda sempre movimentou a economia. Nos anos 50, Christian Dior consolidou-se como grande costureiro, seguido por todo o "grand monde" da aristocracia internacional. As brasileiras não queriam ficar para trás, e, na inauguração de Brasília, a primeira dama da nação, Sara Kubitschek, vestia um Dior que foi confeccionado no atelier de Mena Fialho, no Rio de Janeiro. Mena tornou-se a costureira mais famosa e mais cara da era JK.

Até os anos 60, os criadores de moda eram os costureiros. A maioria das mulheres vestia-se sob medida, tanto na alta costura quanto no dia-a-dia. Todas tinham a sua costureira. Nestes anos dourados, o salário mínimo foi o mais alto. As que tinham mais dinheiro vestiam-se na Europa ou compravam as cópias na Casa Canadá, no Rio.

Quem tinha dinheiro podia comprar carro nessa época e a vida era mais na rua. As televisões não tinham as cores. As mulheres passeavam pelas ruas de



A elegância clássica de Dior

pedra roladas com saltos de sete e meio! Um perigo!

No começo do século, Gabrielle Chanel, inspirada pelo clima descontraído das cidades à beira-mar, criou uma roupa mais simples para praia. As roupas de banho eram muito elaboradas e o ar marítimo era recomendado para a saúde. Ela foi a primeira mulher a usar suéter e calça. Sua roupa era definitivamente adaptada àquela era. Desde a guerra Mme. Chanel já impunha sua moda: uma elegância austera nos *tailleurs*, adaptados por nossas damas. "Não existe sucesso sem cópia. O sucesso é copiar." pontificava Mme. Chanel.

Na época de JK, não era raro ter no closet um Chanel.

Se Chanel representou descontração e revolução, Dior foi o luxo e o máximo do glamour e beleza. Sem abandonar seus vestidos de bailes preciosos, Yves Saint Laurent o substituiu no trono em 1954 e até hoje, quando anunciou à mídia sua aposentadoria, ele é a última palavra em roupas chiques, inegavelmente associadas à riqueza e ao deslumbramento.

Para entender a roupa da época de JK, sabe-se que as "socialites" tinham todo o tempo para se dedicar exclusivamente a se vestir. Trocavam de quatro a seis roupas por dia! Passadeira, arrumadeira, babás, cozinheira, faxinei-

Reprodução

**1936** Inauguração do prédio do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema. Sergio Buarque de Holanda publica "Raízes do Brasil". Inauguração da Rádio Nacional

**1937** Constituição de 1937.

**1939** O primeiro poço de petróleo do Brasil é descoberto em Lobato, na Bahia

**1940** Chegam ao Brasil artistas europeus fugitivos de regimes autoritários, entre eles Maria Vieira da Silva, Arpad Szenes, Emeric Marcier, Laszlo Meitner

**1941** Criação da CSN, Companhia Siderúrgica Nacional

**1942** Construção do conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte. Projeto de Oscar Niemeyer. Criação da Companhia Vale do Rio Doce

**1943** Estréia a peça "Vestido de noiva", de Nelson Rodrigues, dirigida pelo polonês Zbigniew Ziembinski

**1945** Getúlio Vargas é deposto

**1946** Criação da Unesco

**1947** Extinção do PCB

**1948** Fundação da SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Inauguração do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

**1949** Fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, "Caiçara", dirigido por Adolfo Celi, é seu primeiro lançamento

**1950** Campanhas nacionalistas defendem o monopólio estatal do petróleo e da energia elétrica. Entra no ar a TV Tupi de São Paulo,





ra, motorista, jardineiro, eram a diarista de nossos dias. As "madames" podiam viver realmente os anos dourados!

Perdia-se o dia inteirinho nos salões de beleza, entre massagens com rolos, fricções com bastões de metal, bobs e outros apetrechos, não esquecendo a manicure e a pedicure que eram primordiais! Não se saía de casa mal arrumada. O que se usava era enchimento nos soutiens, cinturitas para adelgaçar e todos os tipos de cinta. Sofria-se.

A moda acompanhava os modismos.

Em 1947, Dior lançava sua coleção marcando o domínio francês na criação de moda. Suas novas criações tornavam a silhueta do período de guerra definitivamente fora de moda. Batizada de "new look" pela revista "Harpers Bazaar", a coleção, paradoxalmente, impõe um estilo reacionário, trazendo de volta as saias longas e a cintura de vespa do século XIX.

Em 1955, a Sorbonne lhe oferece uma tribuna de conferencista. O sucesso internacional e o marketing publicitário de Dior fazem de sua maison o elo de transição entre a alta costura do passado e a do futuro.

No anonimato dos ateliers, já se preparava a revolução do prêt-à-porter. Surgiu o tubinho, uma roupa em forma de cilindro, que chegou para as elegantes daqui, vendida também pela loja Sloper.

Os brasileiros estavam fazendo bonito lá fora e Vera Barreto Leite desfilou para Chanel nas passarelas parisienses. Aqui também o governo estava direito e renovador, querendo acertar. A moda sempre acompanhou as evoluções e as revoluções, igual às mulheres.

## *Os cabelos eram duros de laquê, altíssimos, recheados de bombril. Quanto mais altos, melhores*

Os cabelos mereceriam um capítulo à parte. Duros de laquê, altos, altíssimos recheados de bombril! Quanto mais alto melhor, ou, se fossem lisos demais, teriam as pontas reviradas como os das holandesas. Era a grande moda e seguida por todas as que iam ao chá da Confeitaria Colombo.

Quando a capital do Brasil mudou para Brasília, a moda acompanhou a evolução, as saias subiram para os joelhos e os saltos das sandálias, que eram estratosféricos, desceram para discretos três centímetros e meio. Copiava-

se tudo o que as artistas de cinema usavam: cabelos da Doris Day, a mecha da Lauren Bacall ou a cintura da Marilyn Monroe.

Adotada por jovens rebeldes dos anos 50, a calça jeans virou o uniforme de uma geração. A calça mais popular do mundo simbolizava a aventura dos mineiros americanos, sendo rapidamente abraçada pelo mundo da moda. James Dean e Marilyn trocaram os cascos trovejantes de um cavalo pelo ronco das motos e eternizaram esta paixão.

No final dos anos 50 o jeans ficou mais largo: primeiro no tornozelo depois na coxa. Surge então a boca de sino com alma americana. Os jovens não se vestiam mais como os mais velhos; eles tinham a sua moda.

É importante notar que na virada do século, o tênis e o golfe eram as únicas modalidades abertas às mulheres nas Olimpíadas e que foi a campeã brasileira Maria Esther Bueno a inovadora no uso de saias brancas próprias para o tênis.

Na era JK, tocou-se a sinfonia de organza e zibeline. Mas outras orquestras de tecidos, formas e invenções também começaram a dar um ritmo novo às roupas da época.

Martha Surerus é jornalista especializada em moda.

No plano de metas do governo JK as indústrias receberam 20,4% das verbas do orçamento da União. Isso melhorou os investimentos nos setores siderúrgico e de cimento e, ao menos no setor industrial, o primeiro passo foi dado com a visita do vice-presidente americano, Richard Nixon, que concordou em fazer um empréstimo de US\$ 35 milhões. Com isso a indústria brasileira parou de importar componentes e passou a desenvolver uma indústria local produzindo geladeiras, liquidificadores, TVs, batedeiras, rádios e entre outros utilitários. A casa brasileira se modernizou, pois o design e os eletrodomésticos ficaram acessíveis a todos.



primeira emissora da América Latina

**1951** Primeira Bienal de Artes Plásticas em São Paulo

**1952** Criação do BNDE, atual BNDES

**1953** Criação da Petrobras. Lançamento do filme "O cangaceiro", de Vitor Lima Barreto, premiado no Festival de Cannes, na França. A fábrica de automóveis alemã Volkswagen instala, em São Paulo, uma montadora de automóveis das linhas Volks e Kombi.

**1954** Suicídio de Getúlio Vargas. Criação da Eletrobras

**1955** Lançamento do filme "Rio 40 graus", de Nelson Pereira dos Santos. Lançado o primeiro veículo nacional, o Romi-Isetta

**1956** Guimarães Rosa publica "Grande sertão: veredas". JK apresenta

seu plano de metas: "cinquenta anos em cinco"

**1958** Seleção brasileira de Garrincha, Didi e Pelé ganha a Copa do Mundo da Suécia. Estréia a peça "Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri. Surge a bossa nova, estilo musical lançado pelo violonista João Gilberto.

Raimundo Faoro publica "Os donos do poder"

**1959** Revolução Cubana

**1960** Inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil.

**1961** Jânio Quadros renuncia à Presidência da República.

Congresso aprova Ato Adicional que institui o Parlamentarismo.

**1962** Vinícius de Moraes e Tom Jobim lançam "Garota de Ipanema".

## ■ Música



# Um tom para o Tom

A bossa nova e João Gilberto sob a batuta do maestro Antonio Carlos Jobim

Talvez seja correto afirmar que um governo, mesmo bem sucedido, política e administrativamente, não pode fazer diretamente nada pela cultura. Esta possui sua autonomia, ou melhor, sua ecologia. Precisa de um ambiente favorável. Múltiplos fatores levaram a presidência JK a uma importante era cultural, provavelmente, independente dele. Além da indiscutível marca que foi Brasília, um ato da vontade presidencial, o país conheceu, na música, um som novo, uma nova batida: a bossa nova. Nela, ressaltaram os gênios de Tom Jobim e João Gilberto, além da renovação na lírica da MPB, feita pelo poeta Vinicius de Moraes.

Houve, contudo, na era JK, um tom para o Tom: o espírito de modernização e uma autoconsciência da forma pelos artistas. “A bossa nova foi a manifestação tardia do modernismo na MPB, libertando-a dos laicos parnasianos e românticos, dissolvendo a sentimentalidade no compromisso jovem a beleza, no flerte, na pescaria e no prazer. O “expressionismo” da bossa abriu espaço para canções que tinham as cores de Matisse”, escreveu Bojunga.

Foi no bar Villarino, no Centro, que houve o encontro histórico. Vinicius é apresentado em 1956, no boteco, por Lúcio Rangel, a Tom. A soma disso: “Orfeu da Conceição” – uma coletânea

de obras-primas de Tom, que permanecem até hoje, cantadas e tocadas no país e no exterior.

É certo que a época propiciasse uma maior comunicação dos jovens músicos, morando na Zona Sul, com uma música mais formal, com alguma influência do jazz. As músicas vindas do morro ou as canções de fossa ainda vigoravam, mas um bairro tornou-se o eco da nova geração: Copacabana.

## “Tom vai realizar o sonho dos concretistas: exportar arte”

“A Copacabana solar, praiana, estudantil. Não a melancólica Copacabana do samba-canção e dos talentosos cronistas provenientes da província como Antonio Maria”, assinala Bojunga. “Um barquinho vai, e tardinha cai.”

E ainda: “O Rio das praias aproximou e desnudou os corpos. Trocou a dó no peito pelo sussurro, embora o enamorado de “Canção Triste” (Tom) recorre à metáfora industrial e sonora ao dizer que a beleza da amada era um avião”, escreve o autor de “JK- o artis-

ta do impossível.” Diz ainda, citando o crítico Tárk de Souza – “Tom vai realizar um sonho dos concretistas: exportar arte”. Mais tarde, Frank Sinatra foi entender, muito bem, o que significa “Dindim”.

Durante a Copa do Mundo de 1958, João Gilberto e Tom Jobim gravam o clássico da época em 78 rpm: “Chega de Saudade” e “Bim-bom”. Depois veio “Desafinado”. Um gênero tinha sido criado e a batida de João Gilberto tornava-se uma maneira nova de tocar, até hoje envolvida em variadas interpretações, inclusive anedóticas, de que o som saiu quando o menino João Gilberto, na sua cidade natal de Juazeiro, na Bahia, escutava o barulho de enxaguar das lavadeiras lavando roupas no rio. “As invenções de Garoto, Johnny Alf, Tom e Carlos Lyra foram melódicas e harmônicas. A alma do ritmo leva a assinatura de João Gilberto”, assegura Bojunga.

A época permitiu um tom que o pôde atrair e permitir inovações. JK, mais afeiçoado ao violão de Dilermando Reis, não poderia ser o promotor de um novo gênero musical, mas o otimismo da época e a confiança no futuro bem que podiam dar um pano de fundo para aquelas criações.

Carlos Lyra afirmou

que a bossa nova só foi possível graças a JK, frase dita a Ruy Castro. A grande quantidade de bons músicos e outros excepcionais, como Tom Jobim e João Gilberto, deve-se, talvez, como diz Bojunga, ao fato de que o presidente foi o sujeito oculto daquela época de ouro.

Não tão oculto. O compositor humorista Juca Chaves acabou considerando JK a própria bossa nova. É humor. Mas tem bossa. Dizem os versos de Juca Chaves: “Bossa nova é mesmo ser/ presidente/ desta terra descoberta/ por Cabral/ Para tanto basta ser/simplesmente/ simpático/risonho/original”.



Tom Jobim: o Rio solar

“O pagador de promessas”, de Anselmo Duarte, ganha a Palma de Ouro em Cannes.

Brasil é bicampeão mundial de futebol no Chile

1963 Volta o presidencialismo

1964 Golpe militar. Lançamento do filme “Deus e o diabo na terra do sol”, de Glauber Rocha. Estréia o show “Opinião”, com Zé Ketí, Nara Leão, Maria Bethânia e João do Vale, interpretando textos de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes



Reprodução



e Armando Costa

1965 Mostra Opinião 65: um marco na história da arte brasileira. Reforma partidária: criação da Arena e do MDB. Publicação de “Febeapá 1”, de Stanislaw Ponte Preta, uma compilação de absurdos cometidos por autoridades brasileiras

1966 Primeiro festival de música popular brasileira. Surge a Jovem Guarda

1967 Movimento Tropicalista. Che Guevara, cujo sonho era estender a Revolução Cubana a toda



# Na República, nasce um Rei

Nos gramados da Suécia, o mundo vibra com a seleção brasileira e coroa um gênio

A televisão costuma, às vezes, exibir a cena. Um rapazote de 17 anos recebe a bola, dá um balão em um defensor do País de Gales e enfia a pelota, com calma, para os fundos da rede. É pura beleza. O garoto chamava-se Pelé. Depois da decepção contra os uruguaios, em 50, no Maracanã e do futebol da Hungria, em 54, que nos tirou do torneio, a Copa do Mundo de 58, enfim era nossa. Nascia um rei, embora já havia um príncipe, Didi, e um maravilhoso clown chapliniano, Mané Garrincha. Os jogos, ouvidos pelo rádio, empolgavam, a cada partida, toda a população. Quando o escrete retornou, foi feriado. As ruas enchendo-se de gente, brincando carnaval. Para um país pobre, ganhar na Europa era a consagração, festa similar à libertação dos escravos.

Por uma destas coincidências que servem para dar aura a época JK, o reinado de Pelé começou na sua presidência, com a vitória da seleção brasileira. Também para a sua aura foi um período que o esporte brasileiro colheu vitórias. Ademar Ferreira da Silva ganhou duas medalhas de ouro, na categoria salto triplo, nas Olimpíadas, na segunda JK era o presidente. A tenista Maria Ester Bueno, no templo de Wimbledon, venceu, em 58, o mundial de tênis. Éder Jofre, dois anos depois, consagrou-se como campeão sul-ame-



Pelé segura a Taça Jules Rimet

*"A partir de Juscelino, surge um novo brasileiro"*  
Nelson Rodrigues

Reprodução

ricano de boxe.

Diria Nelson Rodrigues: "Amigos, o que importa é que Juscelino faz do homem brasileiro. Deu-lhe uma nova e violenta dimensão interior. Sacudiu dentro de nós insuspeitadas potencialidades. A partir de Juscelino, surge um novo brasileiro".

Na Copa de 58, o presidente – segundo descreve Bojunga – acompanhou a partida final numa poltrona no *living* do Brasília Palace Hotel. Depois da vitória, enviou este telegrama para a delegação brasileira: "É o Brasil de Brasília, que plantado no coração da pátria, tem agora um espírito novo a dirigir-lhe os destinos". Dias depois, inaugurava o Palácio do Alvorada.

A associação de Brasília com as glórias nos gramados da Suécia é bem significativa. Brasília seria a eternidade de seu governo, embora um garoto negro acabasse por ser mais célebre do que a cidade. Por um longo reinado, o Brasil chamou-se Pelé. Foi assim que o país, no século 20, foi reconhecido internacionalmente por americanos, africanos, europeus e orientais, chefes de estado, o Papa, astros e estrelas de cinema e pela população de todo o planeta, que tornou o futebol o esporte mais popular da Terra. Brasília foi um templo nacional. Pelé, a identidade brasileira para além de todas as fronteiras.

a América Latina é assassinado na Bolívia.

Criação da Aliança Libertadora Nacional

1968 Decretado o Ato Institucional nº 5, o AI-5. Passeata dos Cem Mil.

Maio de 68, em Paris. Primavera de Praga

1969 Lançamento do filme "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade, com Grande Otelo. O americano Neil Armstrong é o primeiro homem a pisar na lua. Surge o semanário "O Pasquim"

1970 Brasil é tricampeão de futebol no México. Publicação de "Pedagogia do oprimido", de Paulo Freire

1972 Guerrilha no Araguaia

1973 Golpe militar no Chile. Criação da Siderbras, Siderúrgica Brasileira S.A.

Lançamento dos filmes "São Bernardo", de Leon Hirszman, e "Toda nudez será castigada", de Amaldo Jabor

1975 Estréia a peça Gota d'água, de Chico Buarque e Paulo Pontes, com Bibi Ferreira. Fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara. Morte do jornalista Vladimir Herzog

1976 Morte de Juscelino Kubitschek, em Resende, Rio de Janeiro, em acidente automobilístico.

# Concretos versus neoconcretos

Nos anos 50, dois grupos artísticos rivais, um no Rio e outro em São Paulo, ocuparam a vida cultural brasileira

Paulo Reis

Para justificar o aparecimento de dois movimentos que radicalizaram a arte brasileira nos anos 50, o Concretismo e o Neoconcretismo, é preciso lembrar que no Brasil o abstracionismo geométrico surge, de forma organizada, em São Paulo com o Grupo Ruptura, em 1952, e no Rio de Janeiro com o Grupo Frente, em 1954. Divergências teóricas entre os dois grupos acabaram levando a um rompimento dos cariocas com o concretismo paulista e o reagrupamento em torno do neoconcretismo. Em São Paulo, os construtivistas possuíam vínculos com a indústria, a tecnologia, a aplicação do trabalho do artista na vida prática. Já no Rio, havia uma autonomia individual respeitada, do trabalho isolado contido numa investigação desvinculada do utilitarismo que caracteriza as pesquisas do grupo de São Paulo. O construtivismo é a expressão estética da industrialização do Brasil. Os primórdios do abstracionismo geométrico podem ser localizados em 1922. É no início dos anos 40 que a grande maioria dos concretistas e neoconcretistas, nascidos nas décadas de 10 e 20, começa a pintar. São eles que empreenderam a passagem para o abstracionismo. Os construtivistas integravam a nova classe média criada pela industrialização. De 1930 a 1955, a economia cresceu a taxas recordes. Ao se iniciar o governo JK, muitos tinham a ilusão de que um novo mundo estava sendo criado. Nos anos 50, muitos pintores semi-abstratos aderem ao construtivismo, um sinal da atração que o projeto desenvolvimentista da burguesia industrial exercia sobre a pequena burguesia.

O Grupo Frente foi formado basicamente por alunos do curso de Pintura que Ivan Serpa ministrava no MAM/RJ. Tendo como teóricos os críticos de

## ruptura

charroux — cordeiro — de Barros — fejer — haar — sacilotto — wladyslaw

a arte antiga foi grande, quando foi inteligente.  
contudo, a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo.  
a história deu um salto qualitativo:

**não há mais continuidade!**

então nós distinguimos

• os que criam formas novas de princípios velhos.

• os que criam formas novas de princípios novos.

**por que?**

o naturalismo científico da renascença — o método para representar o mundo exterior (três dimensões) sobre um plano (duas dimensões) — esgotou a sua tarefa histórica.

**foi a crise**

**foi a renovação**

hoje o novo pode ser diferenciado  
precisamente do velho. nós rompemos com o velho por isto afirmamos:

**é o velho**

- todas as variedades e hibridações do naturalismo;
- a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo "errado" das crianças, dos loucos, dos "primitivos" dos expressionistas, dos surrealistas, etc. . . . ;
- o não-figurativismo hedonista, produto do gosto gratuito, que busca a mera excitação do prazer ou do desprazer.

**é o novo**

- as expressões baseadas nos novos princípios artísticos;
- todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento, e matéria);
- a intuição artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático;
- conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para o seu juízo conhecimento prévio.

arte moderna não é ignorância, nós somos contra a ignorância.

Manifesto Ruptura, os paulistas

arte Ferreira Gullar e Mário Pedrosa, o grupo foi influenciado tanto pela presença do escultor suíço Max Bill e dos concretos argentinos no Brasil quanto pela realização da Bienal de São Paulo. Os artistas, que em 1959 passaram a constituir o núcleo do Grupo Neoconcreto, realizaram quatro exposições. A primeira, em junho de

1954, na Galeria do IBEU, com texto de apresentação feita por Ferreira Gullar, da qual participaram os oito artistas do núcleo inicial e a segunda, em julho de 1955, no MAM/RJ, tendo como autor do texto de apresentação Mário Pedrosa. Desta última participaram todos os integrantes. A terceira, em arco de 1956, no Itatiaia Country Clube

Reprodução

de Resende e a última, em junho de 1956, na Companhia Siderúrgica Nacional. Em todas as mostras constavam os artistas Aluísio Carvão, Carlos Val, Décio Vieira, Ivan Serpa, João José da Silva Costa, Lygia Clark, Lygia Pape, Vicent Ibberson, Abraham Palatnik, César Oiticica, Elisa Martins da Silveira, Emil Baruch, Franz Weissmann, Hélio Oiticica e Rubem Ludolf.

Em São Paulo, o movimento concreto foi proveniente da poesia de Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos, tendo se estendido às artes plásticas com a entrada de Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Luís Sacilotto, Maurício Nogueira Lima, Lothar Charoux, Kazmer Fejer e Alexandre Wollner. As exposições são realizadas em São Paulo em 1956 e 1959 e no Rio de Janeiro em 1957. Por iniciativa dos concretos paulistas, realizou-se no MAM/SP e no Ministério da Educação do Rio de Janeiro a I Exposição Nacional de Arte Concreta, que reuniu pinturas, desenhos, esculturas e poesias de artistas das duas cidades e contou com palestras e conferências. Pela primeira vez no país, foi apresentado um amplo panorama das artes plásticas e da poesia concreta, tendo sido lançado o Plano-Piloto da Poesia Concreta, de Décio Pignatari. Entretanto, a mostra acabou por ressaltar as divergências flagrantes entre os concretistas. Os artistas que participaram desta histórica mostra eram: Alexandre Wollner, Aluísio Carvão, Alfredo Volpi, Amílcar de Castro, Augusto de Campos, César Oiticica, Lothar Charoux, Décio Pignatari, Décio Vieira, Féjer, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Geraldo de Barros, Haroldo de Campos, Hélio Oiticica, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Lygia Clark, Lygia Pape, Luís Sacilotto,





Maurício Nogueira Lima, Ronaldo Azevedo, Rubem Ludolf, Waldemar Cordeiro e Wladimir Dias Pino.

O concretismo paulista pregava o desejo de uma arte plana, onde a tela bidimensional devia ser a própria imagem. O emprego de linhas curvas e diagonais precisava ser muito bem calculado para não criar a impressão de profundidade. Os mandamentos eram os da simetria, da centralização, da repetição, convergindo no sentido de conferir rigidez ao quadro. Já os artistas cariocas, sempre mais abertos às estruturas assimétricas e descentralizadas, propunham triângulos e círculos preferidos aos quadrados e retângulos. Estes valorizam mais as linhas curvas e diagonais, trocando unidade pela multiplicidade. O grupo carioca, por ser mais aberto à subjetividade, possibilitou um desdobramento que acabaria nas experiências sensoriais, tanto com os objetos quanto com o corpo, passando à demanda da participação do espectador, como o poema enterrado, os bichos, os penetráveis e os ovos ao vento. Essa visão de mundo guarda, pois, uma diferença inconciliável com a expressa pelo grupo carioca, que destaca a ação do sujeito. Reside aí o núcleo da divergência estética, que levará à cisão neoconcreta.

Contra o impreciso conceito de arte abstrata, o Concretismo pretendeu assentar os princípios de uma ruptura amplíssima: cortava com a forma mimética, mas também com todas as concepções da obra de arte enquanto expressão ou representação (individual, nacional, social, etc.). Só assim poderia chamar a atenção para o caráter concreto e objetivo do produto artístico que não mais dependia de nada fora dele, tornando-se então auto-referente. O excessivo zelo pela ruptura as-

## suplemento dominical

onde nasceu o concreto: entre a uma e domingo, sexta e domingo, março de mil novecentos e cinquenta e nove

de dezanove de março a dezanove de abril no  
museu de arte moderna

# EXPERIÊNCIA

amilcar de castro

claudio mello e souza

terreira gullar

franz weissmann

lygia clark

lygia pape

reynaldo jardim

theon spanudis

rio, março, 1959

Manifesto Neoconcreto, os cariocas

sumido pelo Concretismo paulista desde 1952 buscava um claro referencial que o distinguisse do confuso ambiente das artes plásticas brasileiras. Para assegurar a coerência específica de suas posições, essa vertente do Concretismo brasileiro teve de manter-se sempre muito próxima dos princípios teóricos elaborados em 1930 por Van Doesburg e retomados, alguns anos após sua

# NEOCONCRETA

Reprodução

gundo escreveu Waldemar Cordeiro em 1957), o Grupo Frente pôde superar os limites impostos pela teoria e radicalizar suas experiências espaciais a ponto de reunir em suas fileiras, quantitativa e qualitativamente, o conjunto mais instigante de escultores e pintores brasileiros daquele período.

O Concretismo do Rio de Janeiro, posteriormente transformado em Neoconcretismo, abrigou não só as experiências escultóricas de Amilcar de Castro e Franz Weissmann, bem como as de caráter pictórico efetuadas por Hélio Oiticica em seus *Bilaterais*, *Relevos Espaciais*, *Parangolés* e *Bólides*, Lygia Clark com os *Casulos*, *Bichos*, *Trepantes* e as *Obras Moles*, Lygia Pape, com o *Ovo*, (*Livros do Tempo e da Criação*) e Willys de Castro, com os *Objetos Ativos*. A Teoria do Não-Objeto, de Ferreira Gullar, produzida em 1960, que se constitui numa espécie de clímax da reflexão sobre a experiência neoconcreta, é reveladora dessas convergências: “E o que se verifica é que, enquanto a pintura, liberada de sua intenção representativa, tende a abandonar a superfície para se realizar no espaço, aproximando-se da escultura, esta, liberta da figura, da base e da massa, já bem pouca afinidade mantém com o que tradicionalmente se denominou escultura. Na verdade, há mais afinidade entre um contra-relevo de Tatlin e uma escultura de Pevsner do que entre esta e uma obra de Maillol, de Rodin ou de Fídias. O mesmo se pode dizer de um quadro de Lygia Clark e uma escultura de Amilcar de Castro. Onde se conclui que a pintura e a escultura atuais convergem para um ponto comum, afastando-se cada vez mais de suas origens”, escreveu Ferreira Gullar na sua Teoria do Não-Objeto, publicado no Jornal do Brasil.

morte, por Max Bill. Já o Concretismo carioca, conforme observou Mário Pedrosa, desde sua origem em torno de Ivan Serpa, se desobrigou dessa tarefa, privilegiando a experimentação e a esfera prática: seu objetivo era antes inventar do que romper. Nesse sentido, mesmo que, confrontado ao rigor teórico do núcleo paulista, parecesse intuitivo em demasia (“desnortado”, se-

## ■ Memória



# A bordo do corcel de Cony

O romancista Carlos Heitor Cony relembra o tempo  
que conviveu com o presidente  
**Lilian Fontes**

Como biógrafo, um cretino. É assim que Carlos Heitor Cony se qualifica ao falar do livro escrito por ele, intitulado *JK Memorial do Exílio*. Adolph Bloch, o amigo e editor, tinha lhe dado essa incumbência de dar continuidade à biografia de JK, *Mil Dias de Exílio*. Como já tinha sido o revisor dos livros de memórias do ex-presidente, caberia a ele dar a forma final ao livro iniciado e interrompido no dia 22 de agosto de 1976, por razão de sua morte. Responsabilidade honrosa, porém, desafiante.

Escrever sobre um homem como JK, para um público sedento em saber todos os pormenores da vida desse homem, seria uma tarefa delicada. Estariam esperando revelações a respeito de sua vida íntima, os conflitos conjugais com Dona Sara. Mas, apesar de ter tido acesso ao diário pessoal de Juscelino, Cony preferiu optar pela omissão de certos relatos. “Eu me sacrifiquei como biógrafo para salvar um amigo”.

Cony foi amigo de Juscelino num período em que ele não possuía mais o *glamour* de um presidente. “Conheci Juscelino já na fase dos escombros”, ele diz. Conheceram-se depois do episódio de prisão vivida pelos dois em 68. Cony foi preso em 13 de dezembro e, lembra-se, Juscelino foi preso quatro dias depois.

Saindo da prisão, Cony aceitou o convite de Adolph Bloch e foi trabalhar na Manchete, onde a Juscelino havia sido dada uma sala. Cony se instalou justamente na sala ao lado de Juscelino e durante os últimos seis anos de sua vida, mantiveram uma convivência diária.

A amizade transcendeu ao plano pessoal. Numa fase em que “Juscelino passava por conflitos existenciais”, muitas vezes em seu Corcel, um alado de 4 rodas, Cony carregava JK em passeios até a Barra da Tijuca onde con-

versavam longamente sobre muitas intimidades.

A admiração por aquele que tinha sido um dos presidentes mais ousados que o país já teve foi sendo fortificada ao conhecer o outro lado, o mineiro cauteloso, o Nonô, o filho de Dona Júlia. Parece que foi dado a Cony, a este jornalista e “romancista dos maiores do Brasil”, como disse Jorge Amado, a oportunidade de conviver com este Juscelino mergulhado na sombra, o lugar mais verdadeiro do ser humano. “O homem- lembrou Albert Camus- é um exilado eterno, nostálgico de um reino do qual foi expulso ou do qual se expulsa voluntariamente. Por acaso, Juscelino experimentou os dois: o reino e o exílio”, escreve Cony no prefácio de *JK Memorial do Exílio*.

Das passagens importantes vividas como político, como presidente, Cony chama a atenção para o episódio do primeiro dia de seu mandato. Vieram para sua posse alguns representantes de países estrangeiros. No dia seguinte, Juscelino parou às sete da manhã em Copacabana e mandou acordar o então vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon que dormia tranquilamente nas camas generosas do hotel Copacabana Palace. Num helicóptero, levou-o à Volta Redonda, convencendo-o a conseguir um empréstimo de 500 milhões de dólares para duplicar a produção de aço do Brasil. Dotado de



uma determinação impressionante, nada o impedia de dar cabo de seu Programa de Metas.

O criador de Brasília, o presidente que mudou a cara do Brasil, o Juscelino animado cujo entusiasmo detonou a bossa nova, o cinema novo, este, todo brasileiro conhece. Mas nem todos souberam

dos anos que se seguiram ao seu mandato, “A revolução foi feita contra o Goulart, mas 24 horas depois voltou-se contra mim.” Esta frase dita pelo ex-presidente descreve bem os seus sentimentos, a sua incompreensão diante da perseguição sofrida por parte dos militares. Poucos sabem, por exemplo, do pontapé que levou do major encarregado de prendê-lo, em 68, quando foi tirado da platéia do Teatro Municipal onde assistia tranquilamente a uma cerimônia de formatura.

Tentaram jogá-lo no chão. Até o exílio este homem teve de viver, facada que poderia ser mortal para um patriota como ele. Chegou a contrair um câncer de próstata, que segundo Cony, foi fruto da depressão do exílio. Mas até isto JK venceu, apesar de lhe terem vetado o empréstimo que pediu para a cirurgia em território norte-americano.

É difícil relatar os inúmeros casos que Juscelino sofreu: as vezes em que foi proibido de pisar em Brasília, o veto para a publicação do seu livro de memórias assinado pelo então Minis-

tro Armando Falcão.

Anos depois, quando, já fora da política, se candidatou à Academia Brasileira de Letras, sofreu um complô para que não fosse eleito. A ABL tentava um empréstimo junto à Caixa Econômica Federal e, se os militares soubessem que Juscelino havia sido aclamado, iriam bloquear o dinheiro. E, ao receber o telefonema de Josué Montello contando-lhe da derrota, JK simplesmente disse: “Perdi. Vamos virar esta página.”

Já desanimado diante de tantas tentativas de retomar a vida pública, Juscelino comprou terras em Goiânia resolvendo se dedicar ao desafio de vencer o cerrado da região. Os ares da fazenda o reanimaram, principalmente diante da possibilidade de abertura na política nacional que já se apontava, mas povoava-lhe algum sentimento estranho, consolidado com a visita súbita de repórteres vindo de Brasília por uma notícia que o dava como morto num acidente de carro.

Três dias depois, estava em São Paulo, almoço com Adolph Bloch e Cony, um uísque, pouca comida, levantando-se para fazer duas ligações para o Rio, discadas pelo punho de seu amigo e futuro biógrafo.

Dia seguinte, 22 de agosto, às quatro horas da tarde despediu-se de todos, pegando o carro da Manchete até o quilômetro 2 da Rio-São Paulo, onde toma o seu Opala, no qual Geraldo, o motorista desde os tempos da Prefeitura de Belo Horizonte, já tinha arrumado seu travesseiro, sabendo que JK iria dormir durante a viagem para o Rio.

Desta viagem, Cony prefere não falar. Perda dolorosa. Difícil ainda é virar esta página.

Lilian Fontes é romancista, autora de “Santo Dia”, Editora Record